

De espólio a coleção: um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

Janaína Ilara¹José Claudio Alves Oliveira²

DOI 10.26512/museologia.v1i1Especial.42138

189

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a formação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso (MACF) localizado na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (EPUFBA) e de como a documentação museológica foi necessária para transformar um espólio de objetos reunidos aleatoriamente em um acervo arquivístico. Para tal fim abordaremos sobre a criação do MACF, o processo de musealização e a documentação museológica do acervo. A metodologia abordada no trabalho consiste em uma pesquisa exploratória e os procedimentos que a sustentam são: o estudo documental, bibliográfico e o descritivo, tendo o Memorial Arlindo Fragoso como universo da pesquisa.

Palavras-chave

Acervo museológico; documentação museológica; memorial; acervo arquivístico.

Abstract

The present work aims to present the formation of the museum collection of the Arlindo Coelho Fragoso Memorial (MACF) located at the Polytechnic School of the Federal University of Bahia (EPUFBA) and how the museological documentation was necessary to transform a collection of randomly gathered objects in a museum collection that dialogues with the archival collection. To this end, we will discuss the creation of the MACF, the process of musealization and documentation of the collection and how this collection is divided. The methodology approached in the work consists of exploratory research and the procedures that will support it are: documentary, bibliographic and descriptive, having the Memorial Arlindo Fragoso as the research universe.

Keywords

Museum collection; museum documentation; memorial; archival collection.

Introdução

Para falarmos sobre o Memorial Arlindo Coelho Fragoso inicialmente temos que falar sobre a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, que foi antecedida pela Fundação Politécnica da Bahia e pelo Instituto Politécnico da Bahia, iniciado pela pessoa que nomeia o memorial, o engenheiro civil Arlindo Coelho Fragoso.

A Bahia até o ano de 1896 não possuía uma escola para formação de engenheiros, mesmo tendo sido capital do Brasil por 214 anos, quem almejasse se tornar engenheiro tinha que ir para a capital do país, que na época era o Rio

1 Museóloga e Arquivista formada pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Arte e Patrimônio Cultural, pelo Mosteiro de São Bento da Bahia. Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

2 Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Pós-doutorado em Comunicação e Tecnologias, pela UMinho, Portugal (FAPESB BOL2757/2012, CAPES BEX18009/12-3). Pós-doutorado PNPd/CAPES em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (88882.317832/2013-01). Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade do Estado da Bahia. Professor Associado IV do Departamento de Museologia da UFBA. Professor permanente dos Programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia da UFBA (PPGMUSEU). Pesquisador do CNPq. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA (PPGMUSEU). Coordenador do Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos. Participou como membro da Comissão de Área Interdisciplinar da Capes.

De espólio a coleção:

um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

de Janeiro, e assim fez Arlindo Coelho Fragoso, que ao retornar para Salvador começa a trabalhar na Secretaria de Agriculturas e Obras. Não se sabe se ele já sonhava em abrir um instituto politécnico na Bahia enquanto estudava no Rio de Janeiro ou se o desejo surgiu ao retornar para o estado natalício e iniciar a carreira. O fato é que com o apoio da Secretaria de Agriculturas e obras e com mais outros colegas engenheiros eles criaram o Instituto Politécnico da Bahia no dia 12 de julho de 1896. Uma instituição privada, mas que contava com o apoio do Governo do estado que tinha por objetivo formar engenheiros na Bahia e auxiliar no desenvolvimento industrial do Estado.

Ao longo da sua trajetória, a EPUFBA passou de instituição privada a federalizada, pois a partir do Decreto Lei 9.155 do ano de 1946, passou a integrar a Universidade da Bahia. Também passou por mudanças de endereço, inicialmente funcionava em um sobrado simples na Rua das Laranjeiras, passando por dois endereços na avenida Sete de Setembro³ e, por fim, ocupando sua sede atual na Federação.

A EPUFBA, de acordo com o professor e ex-diretor da escola, doutor Caiuby Alves Teixeira, destaca a influência e inserção de professores e alunos da casa que, até a década de 1940, na política soteropolitana, teve professores que foram prefeitos da cidade e na política do estado, como o governador Otávio Mangabeira, aluno formado na primeira turma da escola, e que depois viria se tornar professor, e com a morte de Arlindo Coelho Fragoso, assumiu o posto de diretor da Escola.

Apresentamos esse breve histórico, para destacar que, ao longo de 124 anos de história ininterruptas e ocupando espaços físicos em alguns pontos da cidade, tendo passado por sua trajetória vários alunos e posteriormente alunas, professores, diretores, conselheiros, funcionários, passado por três sistemas de funcionamento: particular, estadual e federal, é evidente que a EPUFBA deixou fragmentos da sua jornada por meio de documentos, cadernetas, pinturas, flâmulas, bustos, instrumentos pedagógicos, fotos, atas, correspondências, relatórios, regimentos, balancetes, plantas, ofícios, circulares, pareceres e outras espécies documentais das atividades-meio e atividades-fim desta unidade de ensino. Mesmo que, a partir da integração da Escola Politécnica à Universidade da Bahia, os documentos gerados pela EPUFBA passassem a ser transferidos para a Secretaria Geral de Cursos (SGC) a Escola ainda era responsável pelos documentos gerados até então.

A criação do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

Durante sua gestão (1998 – 2006), o professor Caiuby Alves Teixeira já notava a necessidade de preservação da documentação que estava sob a guarda da EPUFBA no arquivo histórico da escola. Porém, como infelizmente acontece em algumas intuições, esse arquivo era chamado de “arquivo morto”⁴ e não teve o cuidado e o gerenciamento necessário.

O gestor seguinte foi o professor doutor Luís Eduardo Prado de Campos (2006 -2014), que vivenciou na prática o mau estado de conservação ao precisar consultar alguns documentos no arquivo histórico da Escola. Diante dessa dificuldade, o embrião da preservação da documentação que existiu na

3 Inaugurada em 1916, pelo governador José Joaquim Seabra, tinha como objetivo a modernização urbana de Salvador.

4 Maneira errônea de fazer referência ao arquivo histórico ou de 3ª idade

gestão do professor Caiuby Alves Teixeira, começou a tomar forma na gestão do professor Luís e se concretizou na gestão da professora doutora Tatiana Bittencourt Dumê (2014 -2022), com a chegada da arquivista Louise Amaral.

A chegada da arquivista Louise trouxe uma virada no projeto, pois se a ideia inicial era adequar o arquivo histórico da EPUFBA de forma a organizar e armazenar de forma correta os documentos, ao conhecer o acervo, ela notou que o projeto poderia ir além, uma vez que percebeu que existiam objetos que possuíam características que poderiam ser museológicas. Assim, o projeto é readequado para transformar o arquivo histórico em um memorial que funcionaria de forma híbrida, ou seja, manteria a função de arquivo histórico da EPUFBA, mas também seria um espaço museal. Dessa forma, após o espaço onde o memorial seria instalado passar por uma reforma, em 2016 é criado o Memorial Arlindo Coelho Fragoso, uma homenagem ao fundador, que teve a sua abertura oficial realizada em de 2019.

Com o MACF funcionando, a parte arquivística começou a ser feita sob a orientação de Louise. A parte museológica ainda não existia de fato, era apenas uma reunião de objetos que já estavam no espaço da Escola. A partir de 2017, o MACF passou a contar com o auxílio de uma museóloga, que deu início ao processo para transformar objetos diversos em uma coleção museológica. Para tanto, fez com que eles passassem por um processo de musealização e de documentação museológica.

De espólio a coleção

O percurso para que um conjunto aleatório de objetos possam ser transformados em uma coleção museológica, é possível por meio do processo de musealização dos objetos. A partir deste processo, o objeto passa a ter status de objeto museológico e é ressignificado.

Para a autora Renata Padilha (2014), um objeto museológico significa um objeto único dentro da coleção museológica, que ao ser selecionado, registrado, interpretado, ou seja, feita a análise das informações intrínsecas e extrínsecas obtidas a partir dele, é armazenado com o fim de preservar da melhor forma possível e exposto (disseminado). Ações que atribuem intencionalmente um valor documental, patrimonial e informacional ao objeto que passa a ser visto como um documento independente do suporte.

O processo museológico está conectado com o processo de documentação museológica, pois os dados e informações colhidos durante o processo precisam ser documentados. Contudo a documentação museológica também abrange as atividades que estão para além do objeto museológico e o acervo que o compõe. Para Padilha a documentação museológica é:

(...) a etapa que visa à documentação dos objetos incorporados ao acervo do museu: vai do levantamento e identificação geral do acervo até a análise individual de cada peça. Ressalta-se a importância do reconhecimento detalhado e legítimo do acervo museológico. A documentação cuidadosa do acervo é uma ação determinante para todas as atividades desenvolvidas no museu. Por intermédio dela é que se estabelecem os caminhos para a utilização do acervo, seja por meio de exposições, publicações, ações educativas, atividades administrativas, interoperabilidade institucional ou de apoio para pesquisas internas e externas ao museu. (PADILHA, 2014, p. 38).

De espólio a coleção:

um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

A documentação vai passar pelo processo museológico e por ações administrativas do museu que envolvam o acervo. Documentar um acervo é também o salvaguardar, é saber o que tem, o seu estado de conservação e armazenamento e envolve pesquisa para contextualizar o objeto dentro do acervo, ou seja, é mapear por meio de diversas ações (livro de registro, ficha de identificação/catalogação, marcação, fotografias, termos de doação, de empréstimo, laudos), enfim, tudo que for referente ao objeto e a coleção.

A documentação museológica é um item basilar para que o museu possa executar outras ações tais como montagem de exposição, ações educativas, consulta de pesquisadores, conservação, transações e parcerias com outras instituições, pois, é o que vai gerar informações para que essas e outras ações ocorram.

Sendo este o processo que vai alimentar os outros processos, é preciso destacar que não há uma hierarquia entre as funções museológicas, elas se complementam. Contudo, a documentação fornecerá informações para subsidiar as outras. Portanto, a documentação tem que está atualizada. A ausência da documentação ou documentação defasada, que não acompanha o acervo, dificulta o acesso a informações, sejam elas intrínsecas ou extrínsecas, reduzindo ou anulando o potencial informacional do objeto e a segurança deste. Por exemplo, se uma obra for furtada ou danificada, haverá informação que facilite a sua recuperação.

O processo de musealização e documentação no MACF

O primeiro passo foi fazer um levantamento de quais eram esses objetos. Nem todos estavam no espaço ocupado pelo MACF, alguns estavam guardados no armário que ficava na secretaria da direção da Escola. Nesse momento, foram geradas listas com os objetos que permitiu ter uma ideia inicial do que se tratavam os objetos e a quantificação, ou seja, o arrolamento do acervo.

Com os objetos reunidos em um mesmo local iniciou-se o arrolamento, que consiste em listar tudo o que se tem. Foram identificados, inicialmente, duzentos objetos entre flâmulas, troféus, homenagens, instrumentos etc. Em paralelo ao desenvolvimento do arrolamento pôde-se perceber o estado de conservação dos objetos, e alguns foram direto para o restauro, os mais comuns eram objetos infestados com cupins, que foram isolados, para evitar que contaminassem outros.

A EPUFBA já possuía a coleção Theodoro Sampaio, coleção formada por instrumentos científicos que já tinham recebido tratamento museológico a partir de um projeto feito entre o departamento de transportes, na pessoa da professora doutora Ana Maria, e da professora do curso de Museologia, doutora Suely Ceravolo, que juntamente com alunas bolsistas da museologia, catalogaram a coleção. A princípio, a ideia era utilizar o trabalho feito antes como apoio para trabalhar na coleção do Memorial, porém os instrumentos eram diferentes, não coincidiam, então recorreu-se ao *thesaurus* de instrumentos científicos, elaborado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins, para identificar tais instrumentos.

A partir do arrolamento foi criado o inventário do acervo. A partir daí, foi possível pensar na melhor maneira de trabalhar os objetos, organizando-os em grupos de acordo com suas características. Formando, assim, um grupo de instrumentos que se subdividiu em: científicos, didáticos, premiações, pinacote-

ca, livros e outros. O grupo outros foi necessário devido a existência de objetos que, desde o início, sem uma pesquisa prévia, não tinha como justificar suas presenças na pretensa coleção museológica da instituição.

Em seguida, veio a etapa de criação das fichas de identificação dos objetos. Para tanto, foi analisada a ficha utilizada na coleção Theodoro Sampaio e foi-se acrescentado os campos que estavam faltando. Por sugestão da Professora doutora Suely, também foi criado um manual para o preenchimento da ficha de identificação.

Em paralelo ao processo de documentação, já com algumas informações extraídas do processo, e com o intuito de apresentar, de forma parcial, o andamento do projeto, foi realizada uma exposição temporária em um expositor que fica em frente a secretaria da Escola, uma área de grande circulação de alunos, professores e funcionários.

A ideia é que nesta exposição tivesse uma mostra do que é a coleção museológica do MACF. Nesse recorte, a intenção era exibir ao menos um objeto de cada subcoleção que forma a coleção museológica do memorial.

Haja vista que o nome do MACF é uma homenagem ao engenheiro fundador da Escola Politécnica da UFBA, Arlindo Coelho Fragoso, uma parte da exposição foi montada em referência a ele. Para tanto, foram utilizadas peças que fazem parte da subcoleção *premiações* e *homenagens*. Também estavam presentes itens da subcoleção *instrumentos*. Ficaram de fora dessa exposição os *bustos*, que já estavam expostos na sala da congregação da EPUFBA; os quadros da *pinacoteca*, por não caberem no expositor; e os itens das subcoleções *bibliográfica* e *outros*.

A proposta era de que a exposição fosse renovada de tempos em tempos, e possivelmente fazer exposições temáticas temporárias, para que o acervo pudesse ser disseminado e não ficasse apenas guardado.

Com a exposição montada e uma pré-catálogo realizada, foi iniciado o trabalho com cada grupo separadamente. A proposta era fazer uma pesquisa para preencher a ficha de registro com informações extrínsecas ao objeto.

QUADRO I – Identificação das subcoleções

Subcoleção	Nome	Quantidade
1. Instrumentos	1.1 Científicos	23
	1.2 Tecnológicos	21
2. Premiações e Homenagens	2.1 Homenagens	28
	2.2 Prêmios	08
	2.3 Prêmio Esportivos	72
	2.4 Flâmulas	41
3. Pinacoteca	3.1 Quadros	33
	3.2 Fotografias	06
4. Bibliográficos	4.1 Livros	14
	4.2 Periódicos	01
	4.3 Folhetos	01
5. Bustos	Sem subdivisão	03
6. Outros	Sem subdivisão	22

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

De espólio a coleção:

um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

O primeiro grupo a ser trabalhando foi o de *flâmulas* (ilustração 1), que integram a subcoleção 2. *Premiações e Homenagens*, pois com a reforma da sala da Congregação da EPUFBA, a ideia foi colocar as flâmulas na congregação, e também por ter uma quantidade razoável, possibilitando um trabalho mais profundo. As flâmulas, em geral, são utilizadas em competições esportivas, sendo trocadas entre os competidores. Essa subcoleção é formada por quarenta flâmulas e uma faixa. Algumas estavam emolduradas, mas devido a infestação de cupins, as molduras foram removidas. Alguns exemplares fazem referência diretamente à Escola Politécnica, algumas à UFBA, contudo, outras, em um primeiro olhar, não faziam sentido. Foram fotografadas, medidas, atribuído número de registro e a ficha de registro devidamente preenchida.

Ilustração 1 - Premiações e Homenagens (Flâmulas)



Fonte: Dados da pesquisa.

A seguinte a ser tratada foi a de *premiações*, que também integra a subcoleção 2. *Premiações e Homenagens* subdividindo-se em premiações acadêmicas e esportivas. A esportiva é formada por troféus, que a escola ganhou em competições esportivas, são 72 no total, a maioria proveniente das Olimpíadas da Primavera e de jogos universitários, alguns datam de antes da Politécnica fazer parte da Universidade Federal da Bahia. Após serem identificados, foram preenchidas fichas de identificação e alguns troféus foram encaminhados para o restauro. Ao todo, somam oito premiações acadêmicas, recebidas pela EPUFBA referente ao Prêmio Inventor.⁵

5 Prêmio desenvolvido pelo Núcleo de Inovação Tecnológica, ligado à Coordenação de Inovação da Pró – Reitoria de Pesquisa Criação e Inovação (PROPCI).

Ilustração 2 - Premiações e Homenagens (Premiação Acadêmica)



Fonte: Dados da pesquisa.

Ilustração 3 - Premiações e Homenagens (Prêmios Esportivos)



Fonte: Dados da pesquisa.

A subcoleção *Homenagem* foi formada por diversos itens que homenageiam a EPUFBA de alguma forma, por meio de chaveiros comemorativos, láureas, medalhas, totalizando 28 objetos.

De espólio a coleção:
um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

Ilustração 4 - Premiações e Homenagens (*Homenagens*)



Fonte: Dados da pesquisa.

A subcoleção *Instrumentos* subdivide-se em instrumentos científicos e em instrumentos pedagógicos. Os instrumentos científicos em grande parte pertenceram ao departamento de elétrica, eram utilizados nos laboratórios da Escola Politécnica, quando perderam a utilidade foram alocados em depósito, alguns foram colocados em um armário próximo a direção, devido a uma infestação de xilófagos (cupins) e tiveram que ser retirados para a imunização do armário. Como o Memorial Arlindo Coelho Fragoso já estava funcionando, foram depositados no Memorial. Há instrumentos de origem inglesa, alemã, francesa e um que foi comprado em uma loja no Rio de Janeiro, conforme ilustrações 4 e 5.

Ilustração 5 - Instrumentos (*Instrumentos Científicos*)



Fonte: Dados da pesquisa.

O setor administrativo foi contatado pelo grupo coordenado pela Professora Ceravolo, para, a partir do número de tomo dos objetos, rastrear a caminho que percorreram na Escola. São 21 instrumentos, entre eles voltímetros, balanças, níveis, milivoltímetros, amperímetros, e no meio deles também instrumentos que não estão completos.

Os *instrumentos pedagógicos*, que anteriormente eram denominados de didáticos, teve a nomenclatura alterada por entendermos que o termo *pedagógico* faria mais sentido, pois está ligado as questões de ensino de uma forma mais ampla.

Ilustração 6 - Instrumentos (Instrumentos Pedagógicos)



Fonte: Dados da pesquisa.

Estão inseridos nessa categoria objetos utilizados pelos docentes e discentes nas aulas, são 19 objetos, a maioria estava guardada no armário da diretoria e alguns foram doados pelo Professor Caiuby Alves da Costa, pois à medida que o Memorial foi realizando suas atividades, veio a sua valorização e reconhecimento, inclusive com alguns docentes se interessando em fazer doações.

A *pinacoteca* é formada por telas com retratos dos diretores e alguns patronos da escola que compunha a sala da congregação, tendo algumas pinturas de artistas de renome na Bahia como Alberto Valença e Emídio Magalhães. Também faz parte a subcoleção fotografias.

Ilustração 7 - Pinacoteca (Telas)



Aurélio Brito de Menezes
Autoria: Emídio Magalhães

De espólio a coleção:
um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

Ilustração 8 - Pinacoteca (Telas)



Otávio Mangabeira
Autoria: Alberto Valença
Fonte: Dados da pesquisa.

Todas passaram por um processo de restauração na tela e na moldura, a partir de um projeto elaborado pela Arquivista Louise do Amaral. Foram trinta e três telas no total. Completam essa subcoleção *Fotografias*.

A subcoleção *Bibliográficos* engloba livros, periódicos e folhetos que não foram encaminhados à biblioteca Bernadete Sinay Neves, pois foi entendido que eles são complementos dos objetos que estão no acervo, e também pelo fato da biblioteca já ter esses exemplares disponíveis.

A última subcoleção a ser formada, pois até o momento não estavam inclusos na coleção, foi demandada pela Arquivista e Coordenadora do Memorial, Louise Amaral, que solicitou que fossem incluídos os *bustos* que estavam espalhados pela escola.

Ilustração 9 - Bustos



Arlindo Coelho Fragoso
Fonte: Dados da pesquisa.

São 3 (três) bustos, a saber: um de Arlindo Fragoso, fundador da EPUFBA, localizado na frente do Auditório Magno Valente, que fica no sexto andar, onde é o Espaço Cultural Arlindo Coelho Fragoso, e os bustos de José Joaquim Seabra e Juracy Magalhães, ambos considerados patronos da Escola Politécnica, estão localizados na Sala da Congregação, que fica no 5º andar do prédio da EPUFBA.

A subcoleção *Outros* é formada por objetos que não conseguiram ser categorizados em nenhuma das outras coleções e que não fazem sentido dentro das demais subcoleções, e também porque não seria possível formar outras subcoleções a partir destes. Principalmente, por serem frutos de um armazenamento aleatório, logo os objetos não fazem sentido lógico no conjunto. Estão no aguardo da política de aquisição e descartes do MACF seja concluída para que o descarte possa ser feito de maneira adequada.

Ilustração 10 - Outros



Fonte: Dados da pesquisa.

O processo de documentação é contínuo, não para, porque ele acontece no dia a dia da instituição. Porém alguns documentos importantes para o desenvolvimento da coleção museológica do MACF, ainda não foram finalizados, tais como: o plano museológico, que além de ser uma exigência legal contida no Estatuto de Museus Lei N° 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009, que também destaca a obrigação dos museus de manter documentação sistematicamente atualizada. É importante para reforçar a missão da instituição e apontar a direção que a memória deseja seguir nos próximos anos. A política de aquisição e descarte agora que o MACF possui uma coleção museológica, de fato, evitando que o espaço do memorial funcione como depósito de objetos aleatórios da EPUFBA. Que a partir de agora, para que um objeto seja incorporado ao acervo, exista um critério fundamentado na missão e na política do MACF, assim como, possa também fazer o descarte de objetos que não se enquadrem no perfil do acervo de forma correta.

De espólio a coleção:

um dossiê sobre o processo de criação do acervo museológico do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

Considerações finais

O Memorial Arlindo Coelho Fragoso é oriundo do arquivo histórico da Escola Politécnica. Foi criado com o intuito de preservar a documentação e a memória da EPUFBA. Mas o MACF não é formado apenas pelo acervo arquivístico ele também possui uma coleção museológica que antes de passar pelo processo de musealização e de documentação museológica era apenas um amontoado de objetos, um espólio que só passou a fazer sentido a partir do momento que começou a ser inventariado e catalogando e gerando uma documentação que atesta esse processo.

O processo de documentação do MACF ainda está ocorrendo, mas já possuem informações que podem auxiliar em um maior conhecimento sobre a história e a memória da Escola Politécnica e na salvaguarda do seu acervo. E auxiliar na construção dos documentos que ainda não foram criados, mas são imprescindíveis para a formação da documentação museológica.

Referências

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Gestão de museus. Diagnóstico museológico e planejamento um desafio contemporâneo*. Medianiz. 2 edição.

Legislação sobre Museus. Brasília. Edições Câmara, 2012.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

Recebido em fevereiro de 2022

Aprovado em julho de 2022